

O POSICIONAMENTO CONSERVADOR DE UMA PARCELA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DIANTE DA TEMÁTICA DA LGBTFOBIA NO ESPAÇO ESCOLAR, CAMPO GRANDE, MS

Roselaine Dias da Silva

Professora da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre, Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Educação da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa: Educação Cultura e Diversidade, UEMS/CNPq (disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhorh/0416559581832830>. Acesso em: 21 mar. 2020). Articuladora da Rede de Ativistas e Pesquisadoras Lésbicas e Bissexuais do Brasil. Integrante do Conselho Nacional Popular LGBTI. E-mail: roselainediasdasilva5707@gmail.com

Léia Teixeira Lacerda

Docente do Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Educação da Unidade Universitária de Campo Grande, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil. Líder do Grupo de Pesquisa: Educação Cultura e Diversidade, UEMS/CNPq (disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhorh/0416559581832830>. Acesso em: 21 mar. 2020). Pesquisadora Associada do Centro de Pesquisa, Ensino e Extensão em Educação, Linguagem, Memória e identidade. E-mail: leiatlacerda@gmail.com; leia@uems.br.

Resumo

Este trabalho visa apresentar os resultados da pesquisa empírica que constitui a Dissertação de Mestrado, *Vozes de Estudantes do Ensino Médio sobre a LGBTfobia em uma Escola Estadual em Campo Grande, MS*, produzida no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Educação na Universidade

Estadual de Mato Grosso do Sul, em 2019. O estudo foi realizado em duas etapas na primeira – analisou as percepções de 140 jovens do Ensino Médio sobre a temática LGBT por meio de atividades de sensibilização desenvolvidas com o uso de imagens em sala de aula, posteriormente, a partir de um roteiro de entrevista, produzimos as narrativas desses estudantes, dentro desse grande grupo, que vivenciam a lesbianidades, a bissexualidades, a homossexualidade e a pansexualidade no contexto escolar. O registro proposto neste texto refere-se aos ataques vivenciado por uma das pesquisadoras, com cunho ideológico conservador por parte de um grupo de estudantes durante o período de realização da pesquisa, em meados de 2018. Nessa ocasião, iniciava a campanha eleitoral para a presidência da República no Brasil. Esses ataques ocorreram nos corredores da escola e também foram registradas na produção das atividades abordadas em aula. O posicionamento moral e conservador de alguns desses jovens são apresentados em suas narrativas, verbalizadas e/ ou escritas. A reflexão sobre essa experiência feita a partir da análise foucaultiana e dos recentes trabalhos no campo da ideologia de gênero no país, evidencia as atitudes reativas de alguns jovens, vinculadas à pauta da LGBTfobia em ambiente escolar na região Centro-Oeste do país.

Palavras-Chave: LGBTfobia. Educação. Política. Ideologia. Conservadorismo.

Introdução

O presente trabalho foi debatido no Congresso Internacional da Associação Brasileira dos Estudos da Homocultura a partir da experiência vivenciada na realização da pesquisa empírica desenvolvida em uma Escola Estadual de Ensino Médio, em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul, em 2018. Os dados da pesquisa constituem a Dissertação de Mestrado, defendida, no Programa de Mestrado Profissional em Educação da Unidade Universitária de Campo Grande da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, intitulada *Vozes de Estudantes do Ensino Médio sobre a LGBTfobia em uma Escola Estadual em Campo Grande, MS*, em 2019.

Este estudo foi organizado metodologicamente em duas etapas por meio da pesquisa qualitativa em educação (BOGDAN; BIKLEN, 1994). A reação ideológica manifestada nas narrativas desses estudantes será analisada em uma perspectiva crítica do currículo (MOREIRA; SILVA, 1994). Neste artigo, por meio da fenomenologia no campo da pesquisa em educação, considerando que o fenômeno é estudado no lugar em que foi investigado (MAIA; ROCHA, 2017).

O construto teórico que se coloca para o entendimento deste posicionamento conservador no campo das sexualidades, destacado para este texto, referencia-se a partir da *História da Sexualidade* (FOUCAULT, 1988); *A Microfísica do Poder* (FOUCAULT, 1998). Considerando-se também os/as construcionistas sociais que a vislumbram como um processo histórico da constituição dos sujeitos (VANCE, 1995), além de ser embasada nos estudos de gênero, gays e lésbicos (BRITIZMANN, 1996).

As percepções das análises aplicadas neste texto partiram dos primeiros momentos vivenciados na pesquisa de campo, que foi realizada em 2018, após a aprovação dos preceitos éticos exigidos pela Plataforma Brasil (SILVA, 2019). Neste período do estudo, encontra-se o desenvolvimento da primeira etapa da pesquisa que foi realizada junto a 140 jovens matriculados/as no 1º ano do ensino médio da escola pesquisada, no turno matutino, divididos em quatro turmas da escola.

As vivências deste processo ocorreram entre as atividades desenvolvidas em sala de aula, que buscavam sensibilizar por meio do uso de imagens retiradas de sites e mídias no Brasil (SILVA, 2019, p. 54-57

e 60-61). A proposição das imagens mobilizou o diálogo sobre a desconstrução das representações sociais estabelecidas de “[...] gênero/sexo/sexualidade” (LOURO, 2010, p. 147).

A ideia do uso dessas imagens em uma perspectiva pós-estruturalista (BUTLER, 2003) provocou nos sujeitos a discussão sobre não necessariamente a correspondência das representações de gênero e sexo estabelecidas na sociedade ocidental e auxiliou na busca da reflexão dos/das estudantes sobre a temática da LGBTfobia no espaço escolar (SILVA, 2019).

2. Registro de Campo

Os trabalhos de campo seguiram a organização dada pela coordenação pedagógica. Assim ingressamos sem acompanhamento de professor/a ou de monitor/a nas turmas selecionadas para o trabalho, entre o segundo período (tempo) e o último. Da mesma forma, circulávamos em meio aos corredores da escola nos horários de intervalo entre um período e outro, ou o tempo das horas/aulas como é chamado em Campo Grande, MS.

A Escola dividia o prédio de acordo com o nível da modalidade, neste caso, uma das pesquisadoras se movimentava somente no espaço das turmas em que estava realizando sua intervenção. Foram nestes momentos que algumas reações de cunho ideológico com referencial político-partidário foram manifestadas por alguns dos estudantes no espaço da escola dirigidos a pesquisadora.

Além do registro identificado junto aos trabalhos resultantes das reflexões realizadas em grupos, em uma das salas de aula, em um dos dias em que o datashow não funcionou. Nesta situação, usamos as imagens do material pedagógico do Projeto *Transviados Somos, Iguais, Diversos e Plurais* (2012) produzido pela ONG-SOMOS, Comunicação e Sexualidade de Porto Alegre, RS, que apresenta as fotos e as narrativas de jovens que participaram do projeto sobre a LGBTfobia para instigar a discussão em grupo sobre essa temática.

Ao separar os materiais que foram entregues para a leitura da escrita sobre a temática investigada, naquele dia, como fazia diariamente, após a saída da escola, a pesquisadora encontrou um registro durante a pesquisa de campo inserido entre as folhas entregues, com discursos reacionários políticos-ideológicos-partidários que vinham sendo divulgados nas mídias e nas retóricas locais: #BOLSONARO2018;

#LULAPRESO; #DITADURA2018; #MILITARESNOCOMANDO. A descrição deste registro está exposta em anexo, ao final do texto, a fim de contextualizá-las.

O outro relato que gerou a apresentação neste Congresso gira em torno da manifestação verbal de estudantes que em meio às trocas de períodos, ou nas saídas para o intervalo do turno ou recreio gritavam quando passavam pela pesquisadora: *“Lula preso! Lula na cadeia! Bolsonaro presidente!”*.

É fundamental lembrarmos que durante a pesquisa se iniciava o processo eleitoral no Brasil, com as definições das candidaturas à Presidência do Brasil. As falas, os registros identificaram este período e demarcaram um pensamento conservador que norteiam as ações LGBTfóbicas que circundam aquela região do país.

Também vale registrar que Mato Grosso do Sul consta no Relatório Sobre Violência Homofóbica no Brasil (BRASIL, 2012) como o quinto Estado em ações homofóbicas no território brasileiro. Estes dados se evidenciam no que se refere à questão de gênero. Esse aspecto foi analisado no Dossiê Sobre Lesbocídio no Brasil (PERES; SOARES; DIAS, 2018), em que foi levantado o assassinato de *Thays Gierdry Borges dos Santos* que foi degolada, em 2016, em uma Praça na Avenida Afonso Pena, a principal Avenida de Campo Grande, MS - localizada a duas quadras da escola pesquisada, tendo em vista que citamos estes dados, porque foram uns dos motivos que nos mobilizaram para a realização desta pesquisa. Este contexto simboliza a pauta das questões conservadoras e os preconceitos que cercam essa região do país.

As vozes destes estudantes ecoam na memória de uma das pesquisadoras até hoje. Silva (2019) destaca o cenário das suas memórias – lembro-me do dia, da luz no corredor, do rosto de um deles que sempre gritava, da forma como se vestia, dos cabelos, da expressão corporal em movimento; enquanto gritavam traziam um sorriso sarcástico no rosto. A reverberação das palavras de ordem dos jovens ecoava pelos corredores da escola, pois expressavam uma idéia de felicidade pela prisão do ex-presidente Lula, que estava detido na Unidade da Polícia Federal do Estado do Paraná desde março de 2018.

Além disso, senti-me incomodada com aquelas afrontas, sozinha, sem respaldo pedagógico para a vivência presenciada. Esta condição pode ser evidenciada pelo fato da pesquisa e da pesquisadora co-existirem na mesma trama das categorias investigadas. De acordo com

Maia e Rocha (2017), ao descreverem os aspectos da fenomenologia no campo da pesquisa em educação, indicam que esse movimento ocorre quando há um entrelaçamento, como o relato em tela, entre a pesquisadora e o objeto de pesquisa no campo dos estudos das sexualidades e de gênero na produção do conhecimento em educação.

Maia e Rocha (2017, p. 221), afirmam que:

Na área de educação quando tratamos da abordagem qualitativa entendemos aquelas práticas de pesquisas que fazem referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas. [...] Por concebermos que esta abordagem é a que melhor retrata o fenômeno educacional ou a educação como fenômeno, contrapomos-nos aos fundamentos das pesquisas em ciências naturais, e destacamos mais as experiências vivenciais, a experiência consciente de sujeito, apreendendo o sentido do objeto [...].

Estes estudiosos da metodologia qualitativa em educação defendem a tese de que neste caso acontece a “*pesquisa implicada* [em que o processo investigativo envolve a participação da pesquisadora no lugar em que o estudo se desenvolve] também é um mecanismo de denúncia dos afrontamentos aos direitos individuais e coletivos [usado pelo/ a próprio/a] pesquisador/a implicado/a” (MAIA; ROCHA, 2017, p. 231).

3. A LGBTfobia como Campo Ideológico

A LGBTfobia, a partir do estado do conhecimento (NÓBREGA-TERRIEN; TERRIEN, 2004), fez-se a partir do levantamento dos estudos sobre a temática. Foi examinado no mapeamento teórico realizado na Plataforma CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – entre os anos de 2013 e 2018, em que se registra o surgimento da Plataforma Sucupira que passou a cruzar os descritores para delimitar o plágio entre as produções acadêmicas no Brasil (SILVA, 2019).

Esta busca dos estudos no campo da produção de conhecimento na Plataforma CAPES indicou um único estudo realizado em 2016 por Marcio da Silva Lima com o descritor LGBTfobia, intitulado *Políticas de Educação que Tratam de Gênero e Sexualidades na América Latina: um*

estudo sobre Brasil e Uruguai. Diante desta escassez nesta Plataforma, optou-se por buscar as pesquisas com o conceito *homofobia*, por ser mais divulgado poderia ter mais trabalhos nesta Plataforma.

De acordo com este levantamento, encontramos 336 estudos sobre o descritor citado. Para a qualificação do termo e da epistemologia no campo da educação, elencamos as pesquisas com área de concentração, conhecimento e avaliação nesta abrangência que contivesse no título – homofobia. Nesta investigação foi possível acessar seis pesquisas com os critérios definidos em Programas de Pós-graduação em Educação que articulavam as categorias, estudantes e juventudes e educação em suas análises (SILVA, 2019).

Para o estado da questão (NÓBREGA-THERRIEN; THERRIEN, 2004) sobre a homofobia, foi necessário reportar-nos a Borrillo (2010, p. 35) que a compreende como uma “articulação de crenças, preconceitos, convicções, fantasmas [que se expressam] em torno das emoções e condutas (atos, práticas, procedimentos, leis...) e de um dispositivo ideológico (teorias, mitos, doutrinas, argumentos de autoridade...)”.

Ao acompanhar este preceito conceitual foi possível evidenciar a LGBTfobia como fenômeno social que segundo Lima (2016), tem a homofobia como componente. De acordo com o que aprofundou Borrillo (2010), o entendimento da ação feita por aqueles jovens em ambiente escolar revela alguns pontos que caracterizam também este fenômeno, pois ao serem questionados em seus pressupostos morais no campo das sexualidades os jovens se sentiram aviltados em seus valores frente à contrariedade exposta na temática da pesquisa que descortinou o “dispositivo ideológico” (BORRILLO, 2010, p. 35), mobilizando-os para reagirem com ações discursivas com viés conservador e reacionário no espaço da escola.

Estas atitudes nos mostraram que a proposição do diálogo sobre as sexualidades contrariavam suas crenças e também os desacomodou no âmbito político. Aspecto que se evidenciou nos discursos reverberados em meio ao corredor que marcavam seus posicionamentos políticos-partidários como já explicitamos neste texto.

Diante destas vertentes no campo ideológico na educação em que o sujeito não está imune em sua atuação, seja ela intelectual, cultural e social (MOREIRA; SILVA, 1994), também foi possível conferir que os estudantes que gritavam cada vez que uma das pesquisadoras passava entre os discentes sabiam como atingi-la, pois buscavam

referências político-partidárias e ideológicas as quais sabiamente relacionaram a sua presença naquele espaço.

Além disso, as verbalizações feitas pelos estudantes traduziram o que Moreira e Silva (1994) advogaram quando investigaram as correntes do currículo na educação brasileira, de que há um engendramento entre a educação e o poder que pode ser desencadeado pela ideologia dominante, tendo em vista que conduz para dentro do ambiente escolar a manutenção e a propagação dos padrões no campo da educação. Sob esta óptica, em que notoriamente há uma imposição dos corpos masculinos, a priori, heterossexuais, no ambiente educacional pesquisado, Moreira e Silva (1994) asseguraram ao evidenciar em sua obra, as pedagogias feministas, que nesta relação de poder há um marco de domínio masculino.

Os construtos foucaultianos analisam a sexualidade como um dos dispositivos utilizados pelo estado para manter o condicionamento ideológico da estrutura estatal (FOUCAULT, 1988). Assim, a escola em que a pesquisa foi realizada é considerada uma das maiores instituições do estado do Mato Grosso do Sul, portanto, referência para as ações no campo da educação na região Centro-Oeste. De acordo com Foucault (1988), a sexualidade como dispositivo de poder se constitui como marco ideológico no campo da educação.

Desta forma, compreendemos que os gritos, as manifestações corporais daqueles jovens carregavam perspectivas ideológicas que possivelmente nem eles mesmos tinham consciência e das quais já foram forjados; mas as propagaram veementemente por suas ações sejam elas verbais ou físicas e das quais têm permissão sócio-cultural para se manifestar em quaisquer espaços ou locais sem a interpelação de quem quer que seja, nem mesmo na escola, pois, seus corpos são educados para este posicionamento.

Essa evidência foi possível ser constatada por Silva (2019) ao lembrar de que nenhum/a professor/a se manifestou sobre as verbalizações feitas, nem no momento em que ocorreram, nem tampouco em momentos de intervenção da pesquisadora nas salas de aula. Os/as professores/as obrigatoriamente passavam por aquele corredor passagem obrigatória para a sala da Coordenação Pedagógica, que se localiza naquele corredor do prédio, a fim de conferirem suas turmas de atendimento no dia ou transitavam por ali ao se deslocarem às salas de aula entre os intervalos.

A escola como afirmam Moreira e Silva (1994), privilegia esta epistemologia dominante. Assim, seguindo o construto de Foucault (1998), o poder se reporta ao uso do discurso que elege a sexualidade como manutenção do padrão moral estabelecido pelo estado. Esses aspectos são analisados a partir do registro das ações dos jovens na escola e também retratam que não há uma “epistemologia não neutra” (SILVA, 2005 p. 94) no campo da educação. Na experiência citada, constata-se uma dinâmica institucional bem articulada e engendradora que atua sobre a vida de jovens em processo de formação no Ensino Médio no Centro-Oeste do país.

Outro aspecto importante identificado neste relato foi de que as meninas circulavam muito menos do que os meninos nos corredores. Essa constatação pode ser analisada a partir das contribuições que traz à tona o pensamento de Louro (1997, p. 61), no que se refere às “identidades escolarizadas”. A autora destaca que há um processo de obediência dos corpos que apreendem a se posicionar da maneira como a escola lhes ordena.

Diante desta constatação, identificamos a escola como espaço da domesticação dos corpos-estudantis, dentre eles, o gênero feminino no espaço da escola. Nessa perspectiva, podemos compreender o silêncio ou a omissão sobre o que ocorria com outro sujeito na mesma condição não causou reação, individual, coletiva das estudantes presentes na instituição.

Pelas análises da pesquisa implicada (MAIA; ROCHA, 2017, p.), é possível afirmar que nem mesmo como pesquisadora, identificada com o gênero feminino, militante lésbica e com filiação de esquerda houve reação às atitudes dos estudantes. O que pode ser compreendido pela vertente feminista crítica dos currículos que destaca a hegemonia masculina nesta instituição escolar (SILVA, 2005).

Cabe referir que como pesquisadoras, diante dessa lógica discursiva, houve dúvidas sobre qual postura adotar. Mas, ao considerarmos a *pesquisa implicada* (MAIA; ROCHA, 2017), no que se refere à posição de uma das pesquisadoras: caberia alguma resposta aos estudantes? Deveríamos ter respondido às implicações político-partidárias? Ou como pensamos em nossa condição de pesquisadoras, não nos cabia a atuação fora da proposta metodológica da pesquisa?

Diante desses questionamentos é possível perceber uma encruzilhada nesta implicação, porque a orientação metodológica conduz a uma suposta neutralidade que não se materializa ao entrar em um

campo de pesquisa que se constitui a partir da trajetória de vida e formação do sujeito que investiga. Neste sentido, tomamos como premissa o exercício silencioso de resistência em meio aos tensionamentos provocados nessa ordem discursiva (FOUCAULT, 1988).

Essas questões também podem ser analisadas diante da ausência de posicionamento dos/as professores/as. Esses aspectos nos mobilizam a pensar que esses/as professores/as entenderam que aquelas questões não lhes eram pertinentes ou ainda avaliaram que de fato não deveriam intervir, evidenciando a dimensão ideológica na educação, principalmente no espaço da escola: quando e de que forma o/a professor/a deve intervir? Sobre quais questões os/as professores/as respondem?

Essas problematizações levantadas ratificam uma das discussões feitas por Furlani (2005) de que as sexualidades não entram no currículo; pois esta temática “[...] incomoda, perturba, aborrece” (FURLANI, 2005, p. 67). Louro (2010), também salienta que a educação perpetua a norma e a disciplina que regula as sexualidades, nomeando a heterossexualidade como regra. Por esse prisma, professores/as não se manifestaram porque não havia implicação didática alinhada ao tema em debate, notadamente, à compreensão do fenômeno da LGBTfobia que ainda é desconsiderada como pauta em âmbito educacional.

Considerações Finais

As considerações possíveis diante das manifestações discursivas dos estudantes nos corredores da escola são da configuração do domínio de uma cultura masculina heterossexualizada dominante que demarca publicamente um posicionamento sóciopolítico partidário que reverberava naquele período no país. Como constatamos repercutiu de forma concreta nas atitudes de jovens de uma escola pública no Centro-Oeste do país.

Não obstante, ao tensionamento que causavam propositadamente ao se defrontarem com uma das pesquisadoras, os estudantes demarcaram posicionamentos ideológicos políticos por meio do debate das sexualidades, retratando mesmo em tão pouca idade exatamente os princípios da sociedade ocidental conservadora.

Também nos leva a considerar que os estudantes deslocaram o olhar da pauta das sexualidades e o colocaram sobre a agenda político-partidária em pleno período eleitoral. Esta articulação é uma

estratégica materializada por meio da postura conservadora evidenciando a possibilidade da existência da LGBTfobia em ambiente escolar.

Os atos reproduzidos tanto pelas expressões corporais, verbais e escritos demonstraram como esses jovens estavam influenciados e se constituíram em agentes influenciáveis de acordo com o ambiente em que se organizavam. As narrativas registradas no corredor dessa escola pública demonstram como a heterossexualidade se manifesta como marco referencial ideológico no espaço escolar.

Referências

BRASIL. Ministério Especial dos Direitos Humanos. **Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil**. Brasília, 2012. Disponível em: <://www.gov.br/relatoriosobreviolenciahomofobica2011.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2018.

BORRILLO, D. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

BRITZMAN, D. O que é esta coisa chamada amor, identidade homossexual, educação e currículo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, Faculdade de Educação/ UFRGS, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan. /jun. 1996. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view-File/71644/40637>. Acesso em: 10 ago. 2020.

BUTLER, J. R. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão das identidades**. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAPES. Catálogo Banco de Teses e Dissertações. Disponível em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>. Acesso em: 15 mai. 2018.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade. Vol. 1 - A vontade do saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Disponível em: <http://www.academia.edu/6772895/>. Acesso em: 18 ago. 2017.

_____, M. **A Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. Tradução: Marcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail. 1998. Disponível em: <https://www.sabotagem.cjb.net>. Acesso em: 11 ago. 2017.

FURLANI, J. **O Bicho vai pegar! – um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis**. 2005, p. 272. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

LIMA, M. S. **Políticas de Educação que tratam de Gênero e Sexualidades na América Latina: um estudo sobre Brasil e Uruguai**. 2017. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação. Uma Perspectiva Pós-estruturalista**. Vozes, Petrópolis, RJ, 1997.

LOURO, G.L. Sexualidade Minoritária e Educação: novas políticas? In: **Políticas de Enfrentamento ao Heterossexismo: corpo e prazer**. Fernando Pocahy (organizador). Porto Alegre: NUANCES, 143- 150, 2010.

MAIA, M.; ROCHA, D. A Pesquisa Implicada de Inspiração Fenomenológica para Estudos In Situ De/Com Sujeitos Sociais da Diversidade Sexual e de Gênero. **RECH-Revista Ensino de Ciências e Humanidades– Cidadania, Diversidade e Bem Estar**. Ano 1, Vol I, Número 1, jul -dez, 220-237, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/4740/3846>. Acesso em: 20 mai. 2017.

MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. (Org.). **Currículo, Cultura e Sociedade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

NÓBREGA-TERRIEN, S.; TERRIEN, J. Trabalho Científicos e o Estado Da Questão: reflexões teórico- metodológicas. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 15, n. 30, jul.-dez./2004

PERES, M. C. C.; SOARES, S. F.; DIAS, M. C. **Dossiê sobre Lesbocídio no Brasil:** de 2014 até 2017. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados, 2018.

PENALVO, C.; FERREIRA, G.G. **Transviados: deslocamentos em saúde na perspectiva da arte.** Porto Alegre: Somos, Comunicação, Saúde e Sexualidade, 2012.

SILVA, R. D. **Vozes de estudantes do Ensino Médio sobre a LGBTfobia em uma escola estadual em Campo Grande, MS.** 2019. 147 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2019.

SILVA, T. T. **Documento de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo.** 2 ed. 9ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VANCE, C. S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis**, Revista de Saúde Coletiva, v. 5, n. 1, p. 07-31, 1995.

Anexo

#BOLSONARO 2018

#LULA PRESO

#DITADURA 2018
#MILITARES NO COMANDO